

## *Maria e a fé da Igreja\**

*Fabrizio Meroni\*\**

Para que a fé seja autêntica, deve ser mariana. Para que a fé seja salvífica, tem que ser mariana, tem que ser da mesma natureza e qualidade da fé demonstrada por Maria.

A salvação de Jesus Cristo, que se realizou na sua Páscoa, encontra em Nossa Senhora a primeira criatura totalmente redimida. Trata-se de entender a expressão muito usada nas últimas décadas pelo magistério papal e pelos bispos, que nos convidam a nos colocarmos na escola de Maria (*Documento de Aparecida* — DA, 270). O que significa dizer que Maria é escola de fé? Nossa Senhora é princípio criatural da Igreja. O que significa afirmar isso? Maria é co-princípio criatural da Igreja. A fé se mede pela sua qualidade mariana.

O princípio da Igreja é Jesus Cristo. A origem da Igreja é a Páscoa de Jesus Cristo. Maria, em sua resposta de discípula co-origina, co-funda a Igreja. Maria, como criatura, participa do ato originário da Igreja. Pela resposta criatural de Nossa Senhora, a Igreja se torna possível. Nós fazemos parte de uma Igreja que existe antes de nós. Em Maria, essa Igreja já alcançou o que ela é destinada a ser. Em Maria e nos santos, a Igreja já é irreversivelmente existente em seu estado de perfeição. A Igreja é santa porque em Maria e nos santos já é Jerusalém Celeste, mundo definitivamente reconciliado com Deus e, por isso, santificado. Nós e os nossos irmãos já falecidos em estado de purificação estamos a caminho: nós, ainda na reversibilidade de nossa fidelidade a Jesus Cristo; eles, já definitivamente com Ele, na purificação da sua misericórdia. Em Maria toda a Igreja do céu, em comunhão com o Purgatório e com nós que estamos a caminho na terra, é sempre só e unicamente santa. A Igreja, no universal concreto de Maria, é tão santa, pela sua unidade com Jesus Cristo, como seu Corpo e sua Esposa imaculada, que nos ampara como pecadores e consegue nos santificar sem que ela mesma venha a se manchar. Em Maria, Imaculada desde sua concepção, a Igreja deseja ardentemente que todos os pecadores se salvem. Por ser totalmente de Jesus

\* Texto ampliado de palestra ministrada na paróquia Nossa Senhora de Lourdes, Parintins, AM, em 4 de abril de 2009.

\*\* Padre do PIME (Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras), diretor do CCFC e Professor de Teologia.

Cristo, na colaboração essencial de Maria, a Igreja, como corpo da Cabeça e Esposa do Cordeiro imolado, nunca foi, nunca é e nunca poderá ser pecadora: acolhe e refugia pecadores, nunca os recusa, mas os chama à conversão e santificação.

Maria é, entre todas, a única criatura que, pela resposta de discípula, participa da origem da Igreja. Como lembra também o Documento de Aparecida, Nossa Senhora, cooperando com o nascimento da Igreja missionária, deixa um selo mariano, que a identifica profundamente (DA, 267).

Com Jesus Cristo, Nossa Senhora é princípio criatural, isto é, origina a Igreja em plena obediência e em plena dependência filial do seu próprio Filho.

Maria também hoje, na glória, continua sendo criatura. E toda vez que, na história da Igreja, alguém tentou fazer de Nossa Senhora uma deusa, a Igreja sempre se opôs a essas tentações.

Jesus, portanto, é o princípio da Igreja. Maria é o co-princípio ou princípio criatural, por isso ela pode ser chamada “Mãe da Igreja”.

O que é a Igreja? No Sermão 96, Santo Agostinho afirma que a Igreja é o mundo já reconciliado, já transfigurado à imagem do Filho Jesus Cristo, pela sua obra na Palavra, nos Sacramentos e na Caridade. A Igreja não é a paróquia como a comunidade ou as comunidades a serem organizadas por nós. A Igreja é mais do que o trabalho pastoral, reduzido a reuniões, assembleias, planejamentos e planos. Uma verdadeira fé em Jesus Cristo, de clara dimensão eclesial e mariana, nos salvaria do pastoralismo vazio que acaba minando a convicção católica de estarmos na autêntica Igreja de Jesus Cristo e torna ineficazes nossas atividades de evangelização. É preciso levar a sério e viver os números 11 e 12 do DA:

“A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais. Ela não pode fechar-se frente àqueles que só vêem confusão, perigos e ameaças ou àqueles que pretendem cobrir a variedade e complexidade das situações com uma capa de ideologias gastas ou de agressões irresponsáveis. Trata-se de confirmar, renovar, e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que despertou discípulos e missionários. Isso não depende tanto de grandes programas e estruturas, mas de homens e mulheres novos que encarnem essa tradição e novidade, como discípulos de Jesus Cristo e missionários de seu Reino,

protagonistas de uma vida nova para uma América Latina que deseja reconhecer-se com a luz e a força do Espírito.

Não resistiria aos embates do tempo uma fé católica reduzida a uma bagagem, a um elenco de algumas normas e de proibições, a práticas de devoção fragmentadas, a adesões seletivas e parciais das verdades da fé, a uma participação ocasional em alguns sacramentos, à repetição de princípios doutrinários, a moralismos brandos ou crispados que não convertem a vida dos batizados. Nossa maior ameaça 'é o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, no qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, mas na verdade a fé vai-se desgastando e degenerando em mesquinhez'. A todos nos toca recomençar a partir de Cristo, reconhecendo que 'não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande idéia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva.'"

### *1. Maria, princípio criatural da Igreja*

Maria, pela sua obediência discipular (através do seu *Sim/Fiat*), gera a Igreja, ao gerar na carne Jesus Cristo, Cabeça-Esposo da Igreja, seu Corpo e sua Esposa. Maria é única nisso. Só ela recebeu, por misterioso desígnio de Deus, o papel específico de dar uma carne humana no gênero masculino ao Filho de Deus. Só ela fez isso. Nem a Igreja pode gerar na carne a Jesus Cristo, tal como Ele foi gerado na carne de Maria. Só Maria gera pela fé, e não pela carne de José, pela fé virginal, e não pelo sêmen do homem. Só ela gera a carne do Filho de Deus. (Cf. Lc 1; Mt 1; Gl 4,4ss). A obediência da fé vivida por Maria é uma obediência virginal, pois o fruto que concebe no seu ventre, é de Deus. Isso significa: a) na obediência da fé virginal e no poder do Espírito Santo, Maria dá a carne ao Filho de Deus; b) essa obediência gera Maria como verdadeira discipula, filha de Deus; c) Maria gera a Igreja, isto é, faz com que seja possível a todo homem e a toda mulher, obedecendo, tornar-se discípulo/a, tornar-se filho/filha de Deus Pai, no Filho Jesus Cristo.

No seu Sermão 51, o Bem-aventurado Isaac, abade do Mosteiro de Stella, afirma: "Ambas são mães e ambas são virgens; ambas concebem virginalmente do mesmo Espírito; ambas, sem pecado, dão à luz uma descendência para Deus Pai. Maria, imune de todo pecado, deu à luz a Cabeça do Corpo; a Igreja, para a remissão de todos os pecados, deu à luz o corpo da Cabeça. Ambas são mães do Cristo, mas nenhuma delas pode, sem a outra, dar à luz o Cristo total". Quanto à maternidade virginal na

fé que salva e gera Jesus Cristo na carne, no mundo e em cada um de nós, podemos dizer com o Bem-aventurado Isaac: o que de modo especial se atribui a Maria, de modo universal se atribui à Igreja, e de modo particular à alma de cada fiel. Maria gerou Jesus Cristo na carne pelo Espírito. A Igreja, pelo Espírito, gera o mesmo Jesus Cristo na Palavra que anuncia e ensina, na Eucaristia e nos Sacramentos que oferece para a salvação da humanidade e do mundo inteiro. Cada fiel, gerado pelo Espírito e pela Igreja, gera o mesmo Jesus Cristo em sua vida de fé, na escuta da Palavra de Deus, na Eucaristia e nos Sacramentos que recebe, na Caridade que O testemunha e abre à esperança da vida eterna.

Afirma o Papa Bento XVI, em sua mensagem para o 16º Dia Mundial dos Enfermos, de 11 de fevereiro de 2008:

“Não se pode contemplar Maria sem ser atraído por Cristo, e não se pode contemplar Cristo sem sentir imediatamente a presença de Maria. Existe um laço inseparável entre a Mãe e o Filho gerado no seu seio, por obra do Espírito Santo, e sentimos este vínculo de maneira misteriosa no Sacramento da Eucaristia, como os Padres da Igreja e os teólogos evidenciaram desde os primeiros séculos. ‘A carne que nasceu de Maria, tendo vindo do Espírito Santo, é o pão descido do céu’, afirma Santo Hilário de Poitiers, enquanto no Sacramentário Bergomense, do século IX, lemos: ‘O seu seio fez florescer um fruto, um pão que nos cumulou de um dom angélico. Maria restituiu à salvação aquilo que Eva tinha destruído com a sua culpa’. Sucessivamente, São Pedro Damiano observa: ‘Aquele corpo que a Beatíssima Virgem gerou e alimentou no seu seio com cuidado maternal, sem dúvida aquele corpo e não outro, agora recebemos do altar sagrado, e bebemos o seu sangue como sacramento da nossa redenção. É isto que professa a fé católica, é isto que ensina fielmente a santa Igreja’. O vínculo da Santa Virgem com o Filho, Cordeiro imolado que tira os pecados do mundo, estende-se à Igreja, Corpo místico de Cristo. Maria, recorda o Servo de Deus João Paulo II, é ‘mulher eucarística’ com toda a sua vida, pelo que a Igreja, vendo-a como seu modelo, ‘é chamada a imitá-la também na sua relação com este Mistério santíssimo’. (Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, 53). Nesta perspectiva, compreende-se ainda mais por que em Lourdes, ao culto da Bem-Aventurada Virgem Maria, se une uma forte e constante evocação à Eucaristia, com celebrações eucarísticas quotidianas, com a adoração do Santíssimo Sacramento e com a bênção dos enfermos, que constitui um dos momentos mais fortes da passagem dos peregrinos pela Gruta de Mas-

sabielle. A presença em Lourdes de numerosos peregrinos enfermos e de voluntários que os acompanham, ajuda a refletir sobre o cuidado maternal e terno que a Virgem manifesta diante da dor e dos sofrimentos do homem. Associada ao Sacrifício de Cristo, Maria, *Mater Dolorosa*, que aos pés da Cruz sofre com o seu Filho divino, é sentida particularmente próxima da comunidade cristã que se reúne à volta dos seus membros sofredores, que trazem em si os sinais da Paixão de Senhor. Maria sofre juntamente com aqueles que vivem na provação, com eles espera e representa o seu conforto, sustentando-os com a sua ajuda materna. E não é porventura verdade que a experiência espiritual de numerosos enfermos impele a compreender cada vez mais que ‘o Redentor divino quer penetrar na alma de todas as pessoas que sofrem, através do Coração de sua Mãe Santíssima, primícias e vértice de todos os redimidos?’” (João Paulo II, Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, 26.)

Maria tem uma missão única, mas a recebe para todos. Só ela dá a carne historicamente ao Filho de Deus, enquanto a Igreja dá sacramentalmente a carne de Jesus Cristo para os fiéis.

Maria é filha, virgem-esposa e, por isso, mãe. Filha de seu Filho (ela é criatura do Pai pelo Filho — Ef 1); esposa virgem do seu próprio Filho (ela livremente se entrega e se une exclusiva e totalmente a Ele pela sua obediência e receptividade); Mãe do seu próprio Filho (fecunda pelo Espírito Santo que ela deixa trabalhar em si e que a torna discípula do seu próprio Filho).

## 2. A natureza e a qualidade da fé de Maria

É preciso conhecer a natureza da fé própria de Maria para alcançarmos a salvação, pois, como já temos afirmado, para que a fé seja salvífica tem que ser mariana, tem que ser da mesma natureza e qualidade da fé de Maria.

Agostinho, no Sermão 25, afirma que a grandeza de Nossa Senhora não se encontra no privilégio de ter gerado na carne o Filho de Deus. Ela é maior pela fé na qual acolheu, concebeu, deu à luz e amamentou o Filho de Deus. É esta sua fé (obediência: *Sim/Fiat*) que gera, só nela, a carne histórica do Filho de Deus, Jesus Cristo. Maria gera na ‘mente’, isto é, na inteligência e vontade, como ato de fé, que Agostinho aponta como motivo de sua honra. Ela é grande na Igreja muito mais pela sua fé do que pelo privilégio único de ter dado a carne ao Filho de Deus. Será, porém, por esta unidade na carne de Filho-Mãe que, “purificada e transfigura-

da no privilégio”, levada a um amadurecimento pascal da cruz pela sua disponibilidade receptiva de mulher, Jesus Cristo crucificado a entrega ao apóstolo João como nossa Mãe (Jo 19,26-27). Esta entrega de maternidade eclesial será confirmada e fixada em Pentecostes pelo Espírito Santo, ao descer sobre Maria na Igreja (At 1,14), assim como o mesmo Espírito a encobriu, descendo no seu seio, para encarnar o Filho de Deus no evento da anunciação.

Os Evangelhos nos testemunham a caminhada e peregrinação da fé de Maria. João Paulo II, na Carta encíclica *Redemptoris Mater* (2), citando *Lumen Gentium* (58), afirma que Maria teve de crescer na fé. Maria é peregrina na fé e os fiéis têm de conhecer e seguir a peregrinação da fé de Maria, o amadurecimento de discípula em sua fé.

Agora podemos acompanhar esse itinerário, percorrendo o Evangelho.

**Lc 1,26-38:** A Anunciação (mas também Mt 1,18-25, a concepção virginal de Jesus Cristo).

É o primeiro momento. O Sim na anunciação ainda não está completamente realizado, apesar de ser, por parte de Maria, total. É o início da obediência maternal de Nossa Senhora e, por isso, um Sim que é humanamente de total disponibilidade, mas ainda não completo, pois ainda não está consumado. Na Anunciação, Maria ainda interage, questiona, pergunta e, só depois do colóquio, aceita.

**Lc 1,39-45:** A Visitação a Isabel.

Isabel reconhece a maternidade divina. É o encontro entre a Aliança antiga e a Aliança nova. A maternidade divina de Nossa Senhora é afirmada como sendo fruto de sua fé: “Feliz daquela que acreditou”.

**Lc 1,46-56:** O *Magnificat*.

É a resposta de Maria à profissão de fé de Isabel. Canto de exultação, onde encontramos a consciência de Maria de que aquilo que ela traz no seio é dela e para ela.

No entanto, aquilo que o Espírito Santo, pela obediente mediação de Maria, faz e opera, não será propriedade de Maria, mas será para todos. De geração em geração, toda a humanidade receberá benefícios disso; a humanidade e toda a criação. Todavia, o acontecimento que foi só para ela, mesmo sendo para toda a humanidade, passa pela mediação histórica do cumprimento das antigas promessas a Israel, que é começo his-

tórico do mundo reconciliado. Pela mediação de Israel, o mundo começa ser reconciliado. Nós somos o novo Israel.

**Lc 2,1-20:** (= Mt 2,1-12) O nascimento de Jesus.

O nascimento de Jesus já mostra a reconciliação dos povos através dos pastores. Lucas descreve o começo da transfiguração do mundo (nos pastores), enquanto Mateus apresenta a amplidão universal (os Magos) do fruto do seio da virgem. Aqui, Nossa Senhora não fala, mas guarda tudo no segredo do seu coração.

**Mt 2,13-19:** A fuga para o Egito e o massacre dos Inocentes.

Desde os primórdios de seu nascimento, a relação de Jesus Cristo com Maria é marcada pelo derramamento do sangue, clara significação de uma separação. Lucas também nos apresenta isso no episódio da circuncisão **Lc 1,21**: o primogênito não pertence a Maria, e isso já numa forma sacrificial (a faca, o sangue e o nome dado a Jesus por meio do sangue: Jesus = *Javé salva*). Jesus pertence a Deus e sua separação de sua mãe será violenta.

**Lc 1,22-38:** A profecia de Simeão: a espada.

Simeão fala da espada que transpassará o coração de Maria como específica consequência materna da Páscoa de Jesus Cristo. O menino se tornará sinal de contradição. Isso revelará o segredo e a sujeira no coração dos homens.

**Lc 1, 41-51:** Jesus adolescente, em Jerusalém, abandona os pais e permanece no Templo, isto é, toma posse do que lhe pertence: cf. também Jo 2,13-22 e Lc 4,16-30.

Jesus diz aos pais: “Não sabíeis que eu tenho que estar na casa do meu Pai?” ou “...que tenho de me ocupar das coisas do meu Pai?” A separação é clara para José: não é ele o pai, mas isso diz respeito também a Maria.

Pelo que diz respeito ao relacionamento mais adulto entre a Mãe e o Filho, podemos ver os seguintes trechos:

**Jo 2,1-12:** As bodas de Caná.

O contexto é nupcial. Temos o vinho e as núpcias, sinais escatológicos da Jerusalém celeste, onde todos, julgados, seremos uma só coisa com

Deus (Cf. Ap 21: Noiva; Cidade Santa; Jerusalém). Dizer “céu” significa dizer as núpcias entre Deus e a humanidade. O mundo será julgado para chegar à reconciliação.

Em Caná, Maria tenta aproveitar do seu privilégio de mãe na carne, mas recebe do seu próprio Filho uma lição para que ela ocupe o seu próprio lugar. Em Caná, Maria é mãe, mas ainda não é plenamente filha. Ela acha que pode mandar no seu Filho. Jesus Cristo a distancia, a afasta, a separa: quer transfigurar o seu privilégio de maternidade carnal. Primeiro se dirige a ela, não a chamando de “mãe”, mas colocando-a na humanidade, ao usar o termo “mulher”. Cristo responde a sua mãe como Senhor da humanidade e em afastamento do privilégio carnal de Maria através de palavras duras (“Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou.” — Jo 2,4), como a dizer: “Quem te dá este privilégio?”. E Jesus aponta para Maria o tempo do comprimento de sua Páscoa, como a dizer: “Se você crescer na sua fé, eu a gerarei como mãe de toda a humanidade em sua participação do sacrifício da minha cruz”. Maria aceita o desafio do seu Filho e indica aos homens que o caminho da fé é a obediência a tudo aquilo que o Filho falar. “Sua mãe disse aos serventes: ‘Fazei tudo o que Ele vos disser’ (Jo 2,5). Maria é educada na fé por seu Filho, através do afastamento e da morte a si mesma, na aprendizagem do caminho discipular.

**Mc 3,31:** (Mt 12,46-50; Lc 8,19-21)

Ainda animada pelo privilégio carnal do Filho, Maria O procura como seu próprio Filho. Jesus não recebe a mãe e não a deixa entrar. Olha para os discípulos e pergunta: “Quem é minha mãe? É aquele que escuta a minha palavra e a coloca em prática”. Jesus está descrevendo o que aconteceu na Anunciação. Jesus está dizendo que a fé vivenciada por Maria torna mãe aquela que acredita: a fé gera filhos e filhas de Deus.

Jesus educa Maria, afastando-a do seu privilégio carnal, para ampliar a maternidade dela e torná-la Mãe da Igreja, humanidade salva.

**Lc 11,27ss:** Bem-aventurados os seios... o ventre...

A isso, Jesus respondeu: “Bem-aventurado quem escuta a Palavra e a coloca em prática”. A maternidade que gera (ventre) e alimenta (seios) é geração na Palavra que, escutada e obedecida, se faz carne (colocar em prática) e se sacrificará (oferta eucarística na cruz)

### **Jo 19, 25-37:**

Chegou a “Hora”. Jesus está pendurado na cruz, ou seja, exposto, totalmente entregue ao Pai. Com isso, Jesus não somente se expõe à vontade do Pai, mas se deixa entregar pelo Pai, para a salvação dos homens. Entregando-se, Jesus deixa que o Pai o entregue para a nossa salvação. Por isso Ele tinha anunciado que, quando fosse levantado da terra, atrairia todos a Ele (cf. Jo 12,32). E todos volverão seu olhar para Aquele que foi traspassado (Jo 19,37; Zc 12,10). É a Hora! Dentro dessa “Hora”, desse contexto, Jesus entrega sua Mãe para nós.

Jesus se dirige a sua Mãe e a chama de “mulher” (a humanidade feminina), entregando-a como mãe a João. João recebe Maria como “mulher”. É o cumprimento do que Jesus tinha falado em Jo 2,4: Maria se torna a Mãe de todos os viventes, revertendo a desobediência de Eva. A maternidade de Maria aos pés da cruz reconhece que Jesus é fruto do seu ventre, que a entrega para que se torne mãe de todos os viventes, Mãe da Igreja, a humanidade e o mundo reconciliado.

Aos pés da cruz, um novo e verdadeiro Adão gera a verdadeira e nova Eva. Pela mediação do apóstolo João, Maria se torna a Mãe de toda a humanidade. A Igreja, humanidade reconciliada, tem sua origem na Páscoa.

Pelo afastamento, Jesus educa Maria a passar do Sim da anunciação até o Sim da cruz. Aqui, aos pés da cruz, Maria não fala mais nada. No silêncio, unida à cruz de seu Filho, onde ela se deixa entregar, Maria alcança a maior fidelidade de sua disponibilidade de quem se deixa totalmente moldar, fazer e “usar” por Deus. Se, na Anunciação, ela se entrega pela palavra humana de sua fé, aos pés da cruz ela se deixa entregar pelo silêncio da contemplação amorosa e fecunda da entrega do seu próprio Filho.

E a partir da cruz, Maria não falará mais. Tudo o que ela falar sempre será para que voltemos para o seu Filho e lhe obedeçamos, para nossa salvação. Também nas aparições, ela nunca falará palavras suas, mas sempre reenviará às Palavras de Jesus, seu Filho, convidando-nos a fazer o que Ele nos disse e nos fala em sua Igreja.

**At 1,14:** A Igreja está à espera de que o Espírito a confirme, introduzindo-a na Verdade plena, consolando-a e defendendo-a. Em Pentecostes, silenciosa, Maria está no meio dos Apóstolos, no centro da confirmação da fundação apostólica, petrina e mariana da Igreja e de sua missão universal. Agora o Cristo é total: Ele, Cabeça, e nós em Maria, Seu

Corpo, unidos a Ele no Espírito. Maria, mãe de todos os remidos, nunca perdeu sua peculiaridade de ser a mãe de Jesus: na Cruz, Jesus a estendeu a toda Igreja; e em Pentecostes, a confirmou. Na Igreja sua maternidade é universal.

Ninguém poderá se salvar sem passar pela fé mariana, fruto da colaboração materna de Maria subordinada, relativa e derivada à mediação salvífica de Jesus Cristo.

Tudo em Maria chega a corresponder ao que Jesus tinha falado aos seus discípulos: “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz cada dia e siga-me. Pois quem quiser salvar sua vida a perderá, mas o que perder sua vida por causa de mim, a salvará”. (Lc 9,23 e 14,27 – Mt 16,24-27 – Mc 8,34-38 – Jo 12,25).

Maria renuncia, toma a sua cruz, e segue o Filho até a glória da cruz e da Ressurreição (Assunção de alma e corpo aos Céus). Morrendo a si mesma, ela participa, como mãe, da cruz de seu Filho, e segue-o, deixando-se levar até o ponto de sua maternidade carnal de Jesus, pelo Espírito, se tornar maternidade universal na Igreja.

#### **1Cor 15, 20-28:**

Cristo, novo Adão, é as primícias dos que ressuscitam dos mortos: ele é primogênito de toda criatura (Cl 1,15) e primogênito dos mortos (Cl 1,18). Assim como ele é novo Adão, sua Mãe, é a Nova Eva (cf. Irineu de Lião, *Contra as Heresias*, Livro III, 22,3-4. Irineu se refere a Justino, neste paralelismo “Maria-Eva”, fundado no paralelismo “Cristo-Adão” de São Paulo). Ela será a primeira a participar de sua ressurreição gloriosa: “Todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida. Cada um, porém, em sua ordem: como primícias, Cristo; depois os que pertencem a Cristo...” (1Cor 15,22-23). Maria, em sua ordem, como mãe de Jesus na carne imaculada, é a primeira entre as criaturas a ser ressuscitada; como mãe da Igreja, é a primeira obra da criação plenamente cumprida e glorificada, em alma e corpo, em sua totalidade: sua alma foi obediente pela fé, seu corpo foi plasmado por sua obediência virginal.

Como Mãe, Maria nos atrai à glória do Filho, intercedendo por nós no Céu. Assunta ao céu em alma e corpo, ela continua Mãe do Filho e Mãe nossa, garantia de que o que aconteceu com ela acontecerá também conosco, glorificados de alma e corpo, no dia de nossa ressurreição, se formos fiéis como ela foi, se acreditarmos com a fé mariana, a sua fé. Maria, em sua maternidade, é penhor seguro e esperança certa de que a ressurrei-

reição de Jesus Cristo é eficaz na partilha da vida eterna para conosco e opera realmente a vida nova de sua ressurreição em nós, criaturas. É por isso que, na Oração Eucarística, sempre fazendo memória de nossa comunhão viva com a Igreja celeste, a primeira criatura glorificada a ser lembrada, respeitando a ordem da ressurreição dos mortos (1Cor 15,23), é a Virgem Maria Mãe de Deus, isto é, em sua maternidade divina, princípio eficaz de sua maternidade eclesial.

Oração Eucarística II: “Enfim, nós Vos pedimos, tende piedade de todos nós e dai-nos participar da vida eterna, com a Virgem Maria, Mãe de Deus, com os santos Apóstolos e todos os que neste mundo Vos serviram, a fim de Vos louvarmos e glorificarmos, por Jesus Cristo, Vosso Filho”.

### **Ap 12,1-17 e 21,1-14**

A relação entre a mulher vestida de sol, tendo a lua sob os pés, e a comunidade cristã perseguida por causa de seu testemunho cristão, nos leva a uma maior compreensão do princípio mariano na Igreja. Na narração, as perseguições sofridas pelos cristãos vêm sendo descritas como batalhas apocalípticas, em clima de vitória escatológica da mulher em virtude do nascimento e da missão do Filho. A mulher coroada de 12 estrelas, dando à luz no contexto da luta do dragão contra ela e o Filho, nos fala de uma conexão muito mais do que simbólico-nominalística e arbitrária entre a mulher e a comunidade Igreja, se consideramos que também a morada de Deus conosco, na glória celestial, é apresentada como cidade descendo do Céu, como Noiva do Cordeiro, esposa do Ressuscitado vitorioso.

A mulher que dá à luz permite entender a Virgem Maria, na Encarnação-Nascimento de Jesus Cristo, simultaneamente como mãe do seu Filho e como Igreja mãe de filhos gerados eclesialmente por e no seu Filho, sempre na historicidade de sua paixão e morte na cruz (Ap 12,10-12). A nota ‘f’ da Bíblia de Jerusalém (Edições Paulinas, São Paulo, 1981, p. 1617) do capítulo 12 do Apocalipse, lembra que “é possível que João pense também em Maria, a nova Eva, a filha de Sião, que deu nascimento ao Messias”.

Além disso, temos visto que a capacidade de Nossa Senhora significar, representar e ser, como princípio já redimido e cooperador da salvação, a humanidade como Igreja-Virgem Esposa, fundamenta-se em sua clara identificação como ‘mulher’ feita pelo seu próprio Filho em sua vida, ao longo de sua pregação sobre o Reino de Deus, suas obras de realiza-

ção do Reino de Deus até à cruz. Conhecida como mãe de Jesus, Maria é por ele chamada de mulher (humanidade feminina) nas bodas de Caná (Jo 2,4) e aos pés da cruz (Jo 19,26). O próprio Jesus vem explicando que a maternidade de sua mãe, Maria, amplia-se na maternidade eclesial: o que ela fez (escutar e obedecer à Palavra de Deus) tornou-a mãe na carne do Filho de Deus, enquanto nós, escutando e obedecendo à Palavra de Deus, seremos gerados como discípulos ('meus irmãos, minha irmã'; cf. Mc 3,33-35; Mt 12,48-50; Lc 8,21) capazes de gerar ('minha mãe'; cf. Mc 3,33-35; Mt 12,48-50; Lc 8,21). Ao apelidar de "mulher" a sua mãe na carne, Jesus indica a necessidade, para Maria, de crescer como discípula para ser, pela cruz, a primeira entre todas as criaturas a ser glorificada; isto, para nós, tem o significado teológico de nos encontrarmos nela, nova Eva, mãe dos viventes, como princípio-início, prefiguração e garantia da alcançabilidade e eficácia de nossa salvação como humanidade.

O que também nos leva a poder afirmar que Nossa Senhora prefigura a salvação da humanidade como Igreja-Esposa, em união com Jesus Cristo Cordeiro crucificado e ressuscitado, no sentido de se realizar nela nossa redenção com antecedência cronológica e ontológica, é o fato de que a Cidade-Esposa, morada de Deus conosco na eternidade da Jerusalém celeste, é a Igreja apostólica dos Doze Apóstolos, cumprimento escatológico de Israel em suas doze tribos (cf. Mt 19,28; Ap 21,2.9-14).

Nossa Senhora, já glorificada pela sua elevação ao céu alma e corpo, como primeira criatura a ser participante da eficácia redentora da Páscoa do seu próprio Filho, continua presente, como humanidade já definitivamente vitoriosa, na Igreja comunidade que gera o Cristo nos fiéis peregrinos e ainda na luta das perseguições terrenas. Ela prenuncia o que será de todos, sendo já toda de Deus, na irreversibilidade da glória do Filho. Ela o garante como possível para todos os homens e as mulheres, sendo ela criatura glorificada e maternalmente intercessora junto de seu Filho por eles. Ela o torna possível pela mediação do seu Filho como humanidade-criação já redimida, cuja humanidade feminina (mulher) já corresponde plenamente à vida divina em Deus Trindade e, por isso, coopera como mãe na geração dos filhos no seu Filho. Como princípio criatural da Igreja e do mundo já reconciliado em definitivo com Deus Pai, por Cristo, no Espírito, Maria nos testemunha que a humanidade (mulher, filho, filhos, homens, povo) e a criação (sol, lua, estrelas, céu e terra, cidade) quando forem salvas, o serão como Igreja Esposa (cf. Ap. 21,1-7).